

O RETRATO DO CONDE DE ALEGRETE: MATIAS DE ALBUQUERQUE, GENERAL NO ESTADO DO BRASIL E CORTESÃO DA ESPANHA SEISCENTISTA



Conde de Alegrete. Escola portuguesa de pintura, segunda metade do século XVII. Galeria Uffizzi. Florença.

Kalina Vanderlei Silva

Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Associada da Universidade de Pernambuco, onde coordena o GEHSCAL (Grupo de Pesquisas em História Sociocultural da América Latina) e se dedica a estudos sobre a colonização americana. Autora de vários artigos, capítulos e livros, fez pós-doutorado na Universidade de Salamanca e atualmente coordena vários projetos acerca de fontes históricas, história moderna, cultura e representações sociais.

Recebido em 16/03/2015 e aprovado em 17/06/2015.

Resumo: Nesse artigo nos debruçamos sobre as imagens de Matias de Albuquerque, governador geral do Estado do Brasil e Conde de Alegrete, produzidas em duas obras de arte: o livro memorialístico e historiográfico 'Memórias Diárias de la Guerra del Brasil', e o retrato anônimo do Conde de Alegrete, ambas datadas da segunda metade do século XVII. Procuramos analisar elementos dessas duas obras para melhor compreender as conexões entre as elites das capitanias açucareiras da América portuguesa e a corte da Monarquia Católica no século XVII.

Palavras-chave: retrato barroco. Elites coloniais. Cultura cortesã.

Abstract: This paper analyses the images of Matias de Albuquerque in two works of art: the book 'Memórias Diárias de la Guerra del Brasil' and an anonymous painting representing him as Count of Alegrete. Both art works dating from the second half of the Seventh Century. In this paper, we discuss different aspects in both this works aiming a better comprehension of the insertion of colonial elites from Portuguese America in the court of the Spanish Habsburg.

Keywords: baroque painting. Colonial elites. Courtesan Culture.

Introdução

Em 1669, o príncipe da Toscana, Cósimo III de Médici, após visita a Portugal, adicionou a sua ampla coleção de arte, quinze retratos de nobres portugueses pintados em celebração à independência contra a Espanha. Entre os quinze retratos estava o do Conde de Alegrete, fidalgo que se destacara na batalha de Montijo. Mas antes dessa vitória, Alegrete cultivara décadas de participação ativa nas políticas de corte e na administração colonial, tanto baixo o recém coroado D. João IV, quanto sob os Habsburgo. Alegrete era Matias de Albuquerque, neto do primeiro donatário de Pernambuco, Duarte Coelho, e irmão do quarto donatário, Duarte de Albuquerque Coelho, com quem herdara uma considerável fortuna colonial que lhes havia garantido a atenção e os cuidados do próprio Felipe II de Espanha. Durante a guerra contra à WIC no Estado do Brasil, Albuquerque fora um dos principais comandantes, assumindo o papel de governador geral durante a invasão da Bahia em 1624, mas o fracasso da resistência em Pernambuco em 1635 lhe tirara das boas graças de Felipe IV e lhe atirara na

prisão, de onde só saíra para se unir à causa do Duque de Bragança e participar da batalha de Montijo, que lhe garantiria o título de conde.

Nesse artigo procuramos analisar Matias de Albuquerque enquanto um personagem representativo das relações entre sociedade açucareira da América portuguesa e a corte da Monarquia Católica através de sua imagem retratada na tela anônima presenteada a Cósimo de Médici, e daquela traçada por seu irmão no livro impresso em 1654 '*Memorias Diarias de la Guerra do Brasil*'. E é o cruzamento desses dois retratos que nos serve de material para a observação da inclusão desse personagem, fruto da elite colonial, na corte habsburga, e sua passagem para a corte dos Bragança. Uma inclusão que esperamos possa lançar novas luzes sobre as relações políticas e sociais da elite açucareira da América portuguesa com a cultura cortesã ibérica.

De fato, muito ainda precisa ser dito sobre Albuquerque, não apenas enquanto cortesão, mas também enquanto integrante da quarta geração de donatários da capitania de Pernambuco. Os estudos biográficos mais detalhados sobre ele e a família são, sem dúvida, os de Francis Dutra¹, mas enquanto comandante nas guerras holandesas ele é um personagem constante da historiografia que se dedica a esse tema, como exemplifica a clássica obra de Evaldo Cabral de Mello (1998), *Olinda Restaurada*. No entanto, os novos olhares historiográficos postos sobre as estruturas sociais coloniais, principalmente relativas às elites coloniais, e sobre política e sociedade como um todo no Estado do Brasil durante o reinado dos Habsburgo, têm nos levado a rever Albuquerque tanto enquanto integrante da família donatarial de Pernambuco e governador na administração filipina, quanto enquanto cortesão. Nesse sentido, seu retrato é, para esse estudo, uma peça a mais no intrincado quadro de relações sociais e políticas do mundo açucareiro luso-americano com os Felipes de Espanha.

¹ Francis Dutra (1967); (jul.1973); (dez.1973); (2011); e (Apr, 1973).

Contextos e Trajetórias – Os Albuquerque Coelho entre Olinda, Salvador, Lisboa e Madri

O título de Conde de Alegrete foi conferido a Matias de Albuquerque por D. João IV em reconhecimento por seus serviços prestados na guerra de independência contra os espanhóis. No mesmo período, do outro lado da fronteira, seu irmão, Duarte de Albuquerque Coelho, recebia o título de Marquês de Basto de Felipe IV, graças a suas relações na corte espanhola e com a nobreza portuguesa fiel aos Habsburgo. Foi nesse momento, já enobrecidos e titulados, que um e outro dos Albuquerque investiram na produção dessas obras sobre as quais agora nos debruçamos. Alegrete enquanto encomendador do retrato presenteado a Cosimo de Médici, e Basto enquanto autor de uma obra memorialística que, por seu turno, tem como personagem principal o irmão, Matias.

Produzidas no contexto da separação de Portugal e Espanha, e da dissolução dos vínculos entre as duas nobrezas ibéricas até então profundamente entrelaçadas, as *'Memórias Diárias'* e o retrato do Conde de Alegrete falam de cortesãos e de políticas de corte, mas cortesãos e políticas essas que, devido à origem desses personagens, refletem também o contexto de Pernambuco e Bahia dentro da Monarquia Católica, e os significados da América açucareira portuguesa para os Habsburgo de Espanha na primeira metade do século XVII.

Isso porque a capitania de Pernambuco durante o período filipino era considerada pela Coroa – desde o governador geral, passando pelo Conselho de Portugal até o próprio rei –, como uma região produtiva e importante o suficiente para merecer a constante interferência régia. Mas a capitania era propriedade privada, pertencente à família dos Albuquerque Coelho e, quando Felipe II de Espanha subiu ao trono português, estava nas mãos da segunda geração da família. No entanto, quando o terceiro

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

donatário, pai de Matias e Duarte, faleceu, o próprio Felipe II nomeou o guardião dos herdeiros, preocupado com as rendas da capitania Duartina.

Sem dúvida a capitania produzia rendas suficientes para atrair a atenção da Coroa habsburga. Uma prosperidade que também seduzia fidalgos reinóis que entre o final do século XVI e meados do XVII transitaram por Olinda em busca de enriquecimento, e que garantira a ascensão da família no reino, de tal forma que se Duarte Coelho fora um pequeno fidalgo, seus filhos, por outro lado, já se encontravam bem posicionados junto à nobreza lisboeta (DUTRA, apr.1973). E dentre esses filhos, é Jorge de Albuquerque, o mais jovem, aquele que melhor exemplifica os inícios da identidade dupla dos Albuquerque enquanto cortesãos e donatários.

Assim como seu irmão mais velho, Duarte Coelho de Albuquerque, Jorge de Albuquerque nascera em Olinda e fora educado na corte de Avis, gastando a década de 1560 entre idas e vindas através do Atlântico. Uma circulação que poderia ter continuado por outras décadas se ambos não tivessem se colocado a serviço de D. Sebastião em Alcácer Quibir; o que lhes valeu anos de prisão no Marrocos, além de ferimentos que se provariam fatais para o mais velho. E foi em seu retorno a Portugal, e visto que seu irmão não deixara filhos, que Jorge acabou herdando uma capitania para a qual não mais voltaria, cultivando o seu papel de donatário à distância². A esse papel ele entrelaçaria o de cortesão, fortalecido por laços com a família do Conde de Redondo, de tal forma que em 1601, quando morreu, era considerado um dos homens mais ricos do império português e detentor de um status que fizera com que a Coroa habsburga lançasse um olhar

² Para a atuação dos Albuquerque Coelho junto a D. Sebastião (DUTRA, dez.1973). Francis Dutra afirma que os filhos de Duarte Coelho, uma vez presos no Marrocos, só foram libertados anos depois juntamente com outros oitenta nobres portugueses resgatados por Felipe II. Zulmira C. Santos (1998) acrescenta, por sua vez, que esse resgate dos nobres reféns jamais foi pago, e o embaixador português que ficara como fiador, D. Francisco da Costa, morreu no Marrocos esperando por esse pagamento.

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

especial a sua herança e à guarda de seus filhos, Duarte de Albuquerque Coelho e Matias de Albuquerque³.

E para além da Coroa, também escritores e leitores dispensaram atenção a Jorge de Albuquerque, em obras indicativas da circularidade de gente e ideias entre o centro da Monarquia Católica e suas periferias açucareiras que ele e seus filhos tão bem ilustrariam: a apologética obra poética de Bento Teixeira, a *Prosopopéia*, escrita em Pernambuco e publicada em Lisboa em 1601, e a popular 'relação' do *Naufração da Nau Santo Antônio*⁴.

Seus filhos, Duarte e Matias, nasceram em Lisboa e cresceram entremeados em uma rede de parentesco que lhes garantiria uma fácil inserção na nobreza portuguesa, já então fiel aos Habsburgo: após a morte do pai, foram educados por um tio influente, antigo Vice-Rei das Índias, também chamado Matias de Albuquerque⁵. Um de seus bisavôs era o Conde de Redondo, e uma de suas tias, D. Maria da Silva, casada com o Marquês de Vila Real, era cunhada de D. Luís Coutinho, por sua vez cunhado do Vice-Rei de Portugal no reinado de Felipe II, o poderoso D. Cristóvão de Moura. Fortalecendo esses laços, Duarte se casou com a filha de D. Diogo de Castro, Conde de Basto, Vice-Rei de Portugal no reinado de Felipe IV

³ Tudo isso é discutido por Francis Dutra em vários de seus artigos sobre a família donatária de Pernambuco.

⁴ Sobre a representação literária de Jorge de Albuquerque e seu irmão na *Prosopopéia*, Guilherme Araújo afirma: "É preciso perceber as "personagens" como espelhos da nobreza e não como indivíduos psicologicamente singulares. Mais do que isso, no caso, deve-se percebê-los como retrato moral exemplar da nobreza portuguesa ultramarina no momento da União Ibérica: uma nobreza que, alijada de sua cabeça, recria sua identidade nas glórias coletivas e nos feitos de uma corte sem palácio, seja na aldeia ou nas colônias... É preciso reconhecer, nos irmãos Albuquerque, enfim, a auto-representação gloriosa da saga lusitana no cumprimento de sua missão no mundo". (LUZ, 2008, p.198). Para a relação do naufrágio, ver Lisa Voigt (jan/jun 2008). A autora inclusive apresenta a controvérsia da autoria da relação, dada por alguns a Bento Teixeira, mas defendida por outros como tendo sido de Afonso Luiz Pitoto. Ver também a própria relação, como compilada no século XVIII por Bernardo Gomes de Brito na sua *História Trágico-Marítima: NAUFRÁGIO que Passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil para esse Reino no ano de 1565*. (BRITO, 1943).

⁵ Matias, na verdade, foi batizado Paulo, tendo seu nome trocado em homenagem ao tio (DUTRA, dez. 1973, p. 273, 274, 278).

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

(DUTRA, dez. 1973, p.285)⁶. Um casamento que lhe garantiria, mais tarde, o acesso ao título de Marquês de Basto.

Enquanto isso, sua capitania prosperava nas mãos de administradores, com a Coroa habsburga cada vez mais intervencionista nas capitanias do norte do Estado do Brasil, enviando tropas para a conquista da Paraíba, incentivando visitas inquisitoriais e planejando a instalação de um tribunal na Bahia. Mas não demoraria para que os dois Albuquerque Coelho de terceira geração se vissem diretamente envolvidos por essas políticas coloniais, já que na década de 1620 Matias de Albuquerque foi enviado a Pernambuco ao mesmo tempo como administrador do irmão donatário e como comandante das forças dos Habsburgo (DUTRA, jul.1973, p.118-119)⁷. E, uma vez em solo americano, ele não tardou a interagir com as práticas e a cultura política locais: enquanto esteve em Pernambuco, insubordinou-se contra D. Luís de Souza, o governador geral, não permitindo que este desembarcasse no porto do Recife; também se dispôs com os desembargadores do Tribunal da Relação da Bahia, quando foi nomeado ele próprio governador geral, aliando-se aos senhores da Câmara da Bahia para conseguir a abolição do tribunal; durante a guerra aprovou a sugestão de Henrique Dias para formar uma tropa específica de homens pretos em Pernambuco e sugeriu à Coroa a transferência dos senhores *mazombos* práticos de guerra para os conflitos espanhóis no império a fora; além disso, transformou a guerra de emboscada, desenvolvida pelos locais, em sua tática básica na resistência contra as tropas da WIC⁸.

Algumas dessas medidas sugerem uma postura bastante contestatória de instituições centralizadoras como o Governo Geral e o Tribunal da Relação, ao mesmo tempo em que contemporizavam com os

⁶ Ver também R. Pardal (2004, p. 5); Costa Porto (1978, p. 47); e Evaldo Cabral de Mello (1998, p. 33).

⁷ Matias de Albuquerque chegou a Pernambuco pela primeira vez em 1620, nomeado governador e capitão-mor, e como procurador do irmão.

grupos sociais influentes na sociedade açucareira. Eram medidas que dialogavam com uma cultura política autonomista instalada em Pernambuco, iniciada por seu avô e que permaneceria forte nas muitas disputas que os senhores de Olinda encabeçariam contra os representantes régios a partir da segunda metade do século XVII. Seja como for, sua trajetória americana se desenrolou tumultuada pela ambiguidade de sua condição de, ao mesmo tempo, administrador do donatário e representante da Coroa, e pela própria conjuntura da invasão da WIC à Bahia e Pernambuco. Uma duplicidade que lhe levava, primeiro, a ser nomeado governador geral – por cuja atuação na resistência baiana seria, inclusive, muito elogiado – para somente depois ser oficializado no cargo de capitão-mor de Pernambuco em 1627, em não pequena medida graças à insistência de seu irmão na corte e à influência de seu parente, D. Diogo de Castro, o Conde de Basto, então governador de Portugal (ASSIS, 2008, p. 24-25; DUTRA, jul.1973, p. 145).

Por outro lado, se sua primeira temporada americana fora bem-sucedida, a segunda, cujo estopim foi o ataque da WIC a Olinda, não o seria. Envolvido na precária situação da resistência, agravada pela falta de um efetivo apoio metropolitano, e acusado de patrocinar uma tática de guerra lenta que fracassara fragorosamente, Matias de Albuquerque acabou deposto, preso, e substituído no comando em Pernambuco por D. Luís de Rojas y Borja. A tudo isso se somando a saída de seu protetor, o Conde de Basto, do governo de Portugal, o que apenas acentuou o declínio de seu prestígio na corte (MELLO, 1998).

Mas ele se juntaria ao movimento do Duque de Bragança, o que lhe transformaria em um herói da independência portuguesa, garantindo assim seu prestígio nessa nova corte lisboeta. Seus dois retratos que aqui analisamos datam desse período, marcado pela dissolução de várias famílias

⁸ Esses dados estão espalhados em: Vera Lúcia Acioli (1997, p. 25); Kalina Vanderlei Silva (2001); e Francis Dutra (jul.1973, p. 137).

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

da nobreza luso-castelhanas devido aos rumos políticos da saída de Portugal da Monarquia Católica. E se seu retrato pintado é bastante português, e representativo de seu novo brasão, seu retrato no livro de Duarte de Albuquerque Coelho, basicamente do mesmo período, espelha as complexidades que ainda ligavam esses dois personagens ao Estado do Brasil, Madri e Lisboa.

Memórias e Retratos: as Imagem de Matias de Albuquerque

Duarte de Albuquerque Coelho escreveu suas *Memorias Diarias de la Guerra del Brasil*, publicadas em espanhol, na Madri de 1654. Uma mescla de narrativa de batalhas e escrito memorialístico que deixava transparecer a formação cortesã do autor e os usos que o mesmo fazia da retórica do heroísmo e da dissimulação. E Coelho era, realmente, um cortesão completo; ele e seu irmão bastante submersos naquele mundo de nobreza aparentada, adeptos de práticas como a crescente valorização da escrita entre os nobres, do que é testemunha não apenas a obra de Albuquerque Coelho, mas também os diários de Matias de Albuquerque: este Albuquerque mais jovem chegaria mesmo a ser retratado satiricamente pelos senhores de Pernambuco, nos anos que se seguiram à invasão holandesa da capitania, como alguém que passava todo seu tempo escrevendo. E seria de seus diários que seu irmão retiraria a maior parte das informações para as *Memorias Diarias* (MELLO, 1998, p.185), uma obra que nasceu em polêmica ao tentar oferecer uma versão da perda de Pernambuco que vindicasse a família donatarial.

Isso porque na confusão que se seguiu à queda de Pernambuco não foram poucos aqueles em Lisboa e Madri que atribuíram a culpa dessa perda aos Albuquerque Coelho, principalmente a Matias de Albuquerque, acusado de promover uma guerra lenta contra os invasores visando ganhos

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

políticos para sua família⁹. Tendo isso ocorrido ou não – e Duarte seria veemente em enfatizar que não –, a família donatarial não escapou da culpa: após a queda do Arraial Velho do Bom Jesus em Pernambuco em 1635, a Coroa enviou D. Luís de Rojas y Borja para assumir o comando americano e prender Matias de Albuquerque. Enquanto isso, seu irmão mais velho permaneceria em Madri, leal aos Habsburgo, o que, no entanto, não o impediu de tentar limpar o nome da família através da publicação das *Memórias Diárias*.

Nessas ele se pôs a narrar os acontecimentos que envolveram os comandantes luso-espanhóis atuantes no Brasil entre os anos de 1630 e 1638, a partir do momento em que a notícia da invasão holandesa em Pernambuco chegara na corte. No desenrolar de centenas de páginas a trama histórica é contada de forma detalhada, tendo como epicentro um protagonista heroico bem definido, o general Matias de Albuquerque, até o momento em que este foi deposto do comando. Um personagem construído com todas as qualidades de um perfeito cortesão e como um herói literário que usava e abusava do engenho e da dissimulação para garantir a vitória na guerra.

De forma geral, o fim declarado do livro era persuadir os leitores da veracidade de uma determinada versão dos acontecimentos históricos – aquela na qual a responsabilidade pela derrota americana não recaía sobre a família do donatário, mas sobre a falta de apoio metropolitano (COELHO, [1654] 2003)¹⁰. E foi para atingir esse fim que Coelho desenhou seu herói fidalgo, desgostoso que estava com a postura da Corte para com as decisões tomadas por seu irmão durante a guerra. Por isso se esmerou em apontar outros elementos causadores daquela derrota, começando com o descaso da própria Coroa: logo em suas páginas iniciais afirmou que Matias havia partido de Madri para Lisboa tão logo soubera da invasão de

⁹ Essa crítica corrente na corte pode ser vista em Rafael Valladares (2006).

¹⁰ Objetivo declarado mesmo: "persuadir da verdade dos eventos da guerra".

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

Pernambuco, acreditando que em Lisboa encontraria “o necessário para opor-se ao poder do inimigo”, mas na verdade encontrando apenas “uma caravela com 27 soldados e algumas munições” (COELHO, [1654] 2003, p.17). Assim, ao mesmo tempo em que expunha a pobreza dos preparativos régios para a guerra, Albuquerque Coelho caracterizava seu irmão como um estoico. E em diferentes momentos voltaria a ressaltar os valores heroicos de seu personagem, cercando-o de obstáculos e adversários advindos de diferentes frentes. Traço por traço compondo um retrato idealizado de um fidalgo que se atirava aos inimigos “de espada na mão”, sempre à frente dos comandados. Esses seriam os colonos de Pernambuco e os soldados da Monarquia Católica, apresentados não apenas como numericamente inferiores aos inimigos, mas também, no caso dos colonos, como “mais acostumados às delícias do que às armas” (COELHO, [1654] 2003, p.33).

No entanto, se Coelho falava em superioridade numérica dos oponentes ele não deixava de usá-la para enfatizar a coragem e o valor daqueles que teriam persistido na luta a despeito das circunstâncias em contrário, principalmente, é claro, seu irmão, quem, segundo ele, como se não faltasse uma última calamidade, “até suspeita de pouca fidelidade teve de alguns”. Esses subordinados desleais teriam procurado, “com toda a dissimulação”, negociar com os adversários, tentando para tanto se desembaraçar do general com dois atentados: não um, mas dois incêndios criminosos, apesar de terem conseguido com isso apenas feri-lo. A descrição da resposta do general a um desses atentados, inclusive, é muito representativa da retórica da dissimulação tecida por Albuquerque Coelho: pois tendo, nessa ocasião, um dos sargentos-mores, Pedro Corrêa da Gama, reagido às notícias do ataque sacando sua espada e gritando 'traição!', “o general, com semblante sereno respondeu: deve ser algum desastre. Dissimulando prudentemente, mostrou que não conhecia o perigo, por não declarar suspeitos os mesmos de quem esperava alguma ajuda” (COELHO, [1654] 2003, p.41).

Dessa forma, e com essas palavras, Coelho atribuía a seu protagonista a postura de um perfeito herói gracianesco no qual a bravura e a serenidade se misturavam, e cuja resposta ao perigo era “*dissimular prudentemente*” para combater a dissimulação que era usada contra ele, como já o fizera o Fernando de Aragão composto por Gracián no primor primeiro d’*El Héroe* (1659). E tal qual o fidalgo idealizado pelas regras de tratadistas cortesãos como D. Juan de Vega ou D. Juan de Silva, Matias de Albuquerque foi também posto pelo autor das *Memórias Diárias* na posição de um nobre discreto, que usava de prudência e controlava suas emoções, e que sofria ao contemporizar com uma gente desleal e ociosa, mas que tudo fazia para que o dever a cumprir não fosse prejudicado. Em tal jogo literário, esses personagens heroicos, tanto de Duarte quanto de Gracián, usavam a dissimulação para esconder suas intenções de outros que empregavam a mesma prática para tentar subjugá-los. E também como em Gracián, o herói de Albuquerque Coelho não era apenas corajoso, mas era tão exemplar que tinha o dom de converter até mesmo os covardes em gente valorosa: em determinado momento a narrativa descreve como ele fora “ferido” pela facilidade com que a qual os moradores abandonavam seus postos, mas que, sem demonstrar seu desencanto, usara de seu “desvelo e indústria” para convencer aqueles inconstantes a se portarem com “valor e constância” (COELHO, [1654] 2003, p.42).

Entretanto, se essa heroicidade foi comunicada por Albuquerque Coelho a seu protagonista, ela ultrapassou em muito suas páginas, sendo assumida pelo próprio cortesão que as inspirou. Isso pode ser visto no fato de que as *Memórias Diárias* não foram o único veículo artístico para a performance heroica de Matias de Albuquerque: esse antigo governador geral do Brasil, e já consagrado pelos Bragança como herói da restauração, parece também ter se esforçado ele próprio no sentido de garantir que uma correta imagem sua fosse deixada para a posteridade. Disso é exemplo o retrato que fez pintar após receber o título de Conde de Alegrete.

Figura 1



Conde de Alegrete. Escola portuguesa de pintura, segunda metade do século XVII. Galeria Uffizzi. Florença¹¹.

Essa tela foi pintada no Portugal pós-restauração, em um momento em que a arte encomendada se esforçava por produzir novas imagens heroicas, livrando-se da tradição espanhola de retratos emotivos como *El Caballero de la Mano en el Pecho* (GONÇALVES, 2012, p.49; 137). Nela, artista e encomendador procuraram a perfeita representação da nova lealdade desse Albuquerque aos Bragança, com uma emblemática heroica explícita na pose hierática do personagem e em sua armadura cerimonial. Uma emblemática, na verdade, que era bem escassa na pintura ibérica, então dominada que era pela representação do mártir (GONÇALVES, 2012; MINGUÉZ, 2003). Escassa mas não inexistente. Seja como for, o general

¹¹ Retrato de Matias de Albuquerque, Conde de Alegrete. Apud GUARARAPES – Uma Visita às Origens da Pátria (2002).

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

heroico e dissimulado de Albuquerque Coelho se fez retratar nessa tela como um herói discreto, asseverando sua nobreza com o brasão dos Albuquerque posto no alto.

Segundo Suzana Gonçalves (2012), somente com a definitiva paz com a Espanha, assinada em 1668, o cenário das artes em Portugal possibilitou uma reforma artística que fomentou a produção do retrato enquanto gênero de pintura entre a nobreza. E apesar de não termos a data exata da produção desse retrato de Alegrete, talvez possamos inseri-lo nesse contexto, visto a função comemorativa, exaltatória e modelar que Gonçalves aponta nos retratos portugueses do final do Seiscentos estar também presente nele (GONÇALVES, 2012, p. 30). Ao mesmo tempo, o retrato do conde ainda apresenta características tenebristas que o relacionam ao cenário artístico dos Habsburgo.

O retrato enquanto gênero era sombra, imitação, representação do objeto pintado. Além, é claro, de reprodutor da memória do personagem celebrado. Na tela encomendada por Alegrete a memória que se quer criar é aquela do herói da Restauração, esquecidas suas antigas lealdades espanholas, sua temporada na prisão, e mesmo sua origem colonial. A obra expõe, como era comum no barroco, mais da intenção do encomendador do que a do pintor. E nesse retrato a intenção era criar uma nova imagem, dedicada à nova persona de Albuquerque fiel agora aos Bragança, e que estava ao mesmo tempo relacionada àquela heroica criada nas '*Memórias Diárias*' por seu irmão, quanto totalmente independente, visando a comemoração de suas novas lealdades.

Assim, esses dois retratos de Matias de Albuquerque, o discursivo e o iconográfico, falam de sua inserção, e a do seu irmão, no mundo cortesão e na composição do modelo ideal de herói fidalgo, mas falam também da inserção da família donatarial da capitania de Pernambuco no cenário de corte da Monarquia Católica – e, no caso de Matias de Albuquerque, também do Portugal dos Bragança. Uma inserção que insinuava, inclusive, a

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

possibilidade de uma mudança de identidades, da colônia para a Corte, garantida pela ascensão às altas fileiras da nobreza ibérica.

Referências

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *Jurisdição e Conflito – Aspectos da Administração Colonial*. Recife: Edufpe/Edufal, 1997.

ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de. O Estado Colonial na Sociedade Açucareira Pernambucana. *Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica*, n. 26-2, p. 24-25, 87, 2008.

BRITO, Bernardo Gomes de. *História Trágico-Marítima [1735-1736]*. Vol. IV. Porto: Portucalense Editora, 1943.

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias Diárias da Guerra do Brasil [1654]*. São Paulo, Beca, 2003.

DUTRA, Francis A. A New Look into Diogo Botelho's stay in Pernambuco, 1602-1603. *Luso-Brazilian Review*, v. IV, n. 1, p. 27-34, jun. 1967.

_____. Matias de Albuquerque and the Defense of Northeastern Brazil, 1620-1626. *Separata Studia – Revista Semestral*, Lisboa, n. 36, p. 117-166, jul. 1973.

_____. Notas sobre a Vida e Morte de Jorge de Albuquerque Coelho e a Tutela de seus filhos. *Separata da Studia – Revista Semestral*, Lisboa, n. 37, p. 265-267, dez. 1973.

_____. Ser mulato em Portugal nos primórdios da modernidade portuguesa. *Tempo*, Niterói, v.16, n. 30, 2011.

_____. Duarte Coelho Pereira, First Lord-Proprietor of Pernambuco: The Beginning of a Dynasty. *The Americas*, v. 29, n. 4, p. 415-441, apr. 1973.

EL HEROE de Lorenzo Gracian Infanzon, en esta impressión nuevamente corregido. Amsterdam, en casa de Juan Baleu, 1659.

GONÇALVES, Susana Cavaleiro Ferreira Nobre. *A Arte do Retrato em Portugal no Tempo do Barroco (1683-1750): Conceitos, Tipologias e Protagonistas*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

GUARARAPES – Uma Visita às Origens da Pátria. Curadoria: Frederico Pernambucano de Mello. Recife: Massangana, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei. O retrato do Conde de Alegrete: Matias de Albuquerque, general no Estado do Brasil e cortesão da Espanha seiscentista. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 9, n. 17, p. 86-100, jan./jun. 2015.

ISSN 2237-9126

LUZ, Guilherme Amaral. O canto de Proteu ou a corte na colônia em Prosopopéia (1601), de Bento Teixeira. *Revista Tempo*, v. 13, n. 25, 2008.

MELLO Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada – Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. Rio de Janeiro, Topbooks. 1998.

MINGUÉZ, Víctor. Héroes Clásicos y Reyes Héroes en el Antiguo Régimen. In CHUST CALERO, Manuel; MINGUEZ, Víctor. *La construcción del héroe en España y México (1789-1847)*. Valencia: Universitat de Valencia, 2003.

PARDAL, R. Serviço Político e Ascensão Social: O Percurso dos Castro ao Tempo da Dominação Filipina (1580/1640). *Anales del VII Congreso de la Asociación de Demografía Histórica – ADEH*. Universidad de Granada, 2004. p. 5-18.

PORTO, Costa. *Nos Tempos de Duarte Coelho*. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, 1978.

SANTOS, Zulmira C. Teatro Português no Marrocos no Tempo de Felipe II: O Testemunho do Chamado Cancioneiro de D. Maria Henriques. *Via Spiritus* 5, 75-105, p. 80-81, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei. *O Miserável Soldo & A Boa Ordem da Sociedade Colonial: Militarização e Marginalidade na Capitania de Pernambuco nos séc. XVII e XVIII*. Recife: FCCR, 2001.

VALLADARES, Rafael. Las Dos Guerras de Pernambuco – La Armada del Conde da Torre y la Crisis del Portugal Hispánico (1638-1641). In: PEREZ, José Manuel Santos; SOUZA, George Cabral (Orgs.). *El Desafío Holandés al Dominio Ibérico en Brasil en el Siglo XVII*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.

VOIGT, Lisa. Naufrágio, Cativoiro, e Relações Ibéricas: A História Trágico-Marítima num Contexto Comparativo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 201-226, jan./jun. 2008.